

# A ética e as bactérias

RUY FABIANO  
Repórter Especial

A pesar das dificuldades, o Sr. Presidente ainda apresenta perspectivas de cura"; "Os exames de avaliação clínica permitem afirmar que suas funções neurológicas estão preservadas"; "Não se esperam seqüelas"; "Não existem indícios de lesões irreversíveis".

Não são afirmações antigas. Nem muito menos se referem à primeira — ou mesmo segunda — cirurgia de Tancredo Neves. Foram proferidas anteontem — após 34 dias de internação e sete cirurgias malsucedidas, em um paciente de 75 anos. Seu autor: o doutor (ou melhor, o **professor-doutor**) Henrique Walter Pinotti, a mais nova revelação de estilista da Nova República. Seus boletins — que, entre um uma cirurgia e outra, jamais sugeriam a mais remota piora do paciente — tinham um grande mérito, a princípio: ninguém os entendia.

A seguir, tornou-os mais legíveis, mas nem por isso deuse por vencido. A partir daí, o mérito foi outro: ninguém mais neles acreditava. No boletim do dia 17, ele conseguiu a façanha de unir essas duas virtudes: não foi entendido, nem acreditado. Por trás do seu indevassável **medicinês**, todo o País acompa-

nhou atentamente seu libelo antibacteriano. E, concretamente, só entendeu uma coisa: "O Presidente tem cura".

No dia seguinte, o Presidente piora. E piora definitivamente. O País entende, então, que não apenas o Presidente não tinha cura: seu médico também. Não se põe em dúvida sua competência profissional. O **professor-doutor** goza de alta reputação nos melos médicos. Certamente, conhece, como poucos, bactérias, leucócitos, divertículos e tumores. O que seguramente desconhece é a ética da informação e o papel dos veículos de comunicação. Como ele, obviamente, não agiu sozinho — é certo que foi orientado por gente que iria para o próprio Governo —, a constatação é simples: a Nova República contraiu **infecção palaciana da Velha**.

Todo esse episódio da **via crucial** de Tancredo acabou, por trágica ironia, sendo exemplar. Sonegou-se a população — como faziam os governos militares — o acesso a informações a que tinha direito. E em nome de quê? Razões de Estado, dizem. Pelo menos nisso, a atual junta médica — chefiada pelo **professor-doutor** — coincide com as juntas militares: o povo

brasileiro não está preparado para saber a verdade.

Até aí, porém, menos grave. Mais dramático que a obtusidade falsamente objetiva dos boletins, foi o solo de tenor do **professor-doutor**, na provável véspera do pior. Nada, no quadro clínico do Presidente — segundo avaliação de numerosos especialistas, ouvidos fartamente pelos diversos jornais —, autorizava aquele insólito boletim do "tem cura". Nada. O Presidente não tinha febre, mas tinha infecção. Traduzindo: seu organismo já não reagia. As funções vitais eram débeis, mantidas tão-somente pela ação dos aparelhos. A opinião pública já aguarva, resignada, o desfecho inevitável. Os políticos preparavam e preparavam-se para o novo quadro. Enfim, a Nova República (e o País) punha na rua seus **antiscorpus** para prevenir ações desestabilizadoras das incansáveis bactérias golpistas, presentes na vida pública desde a velhíssima República.

O discurso do **professor-doutor** desconcertou esse quadro. Confundiu a todos, contrariou seus próprios boletins, paralisou a República. E, óbvio, não val salvar Tancredo.